

Exposição: Waltercio Caldas - "A Série Veneza"

Local: Centro Cultural Light, Rio de Janeiro

Data: 18 de março a 26 de abril

Catálogo: Waltercio Caldas-" A Série Veneza"

Texto: Ligia Canongia

Ensaio fotográfico sobre "A Série Veneza": Roberto Cecato

Tradução: Steven Berg

Projeto gráfico: Waltercio Caldas/ João Modé

O Centro Cultural Light, que vem desenvolvendo um excelente projeto cultural coordenado por Maria Clara Rodrigues e Daniel Senise, expõe as obras de Waltercio Caldas apresentadas na última Bienal de Veneza. "A Série Veneza", constituída de quatro trabalhos de forte impacto ("Sem Título", "Rodin-Brancusi", "A Distância Entre...", "O Transparente") organiza mediante a transparência da matéria e intensa presença poética, o espaço da galeria, sugerindo um efeito de continuidade incomum, no qual o ar torna-se matéria quase corpórea.

Na entrevista editada no catálogo e conduzida de maneira especialmente inteligente por Ligia Canongia, a primeira pergunta já suscita um questionamento dos mais instigantes da arte contemporânea: o conceito brancusiano de arte como "crime perfeito", como sintonia entre drama e austeridade. Afirmativa ampliada pela fala de Caldas que indica a arte como "um fluxo que se modifica e transcende seus limites constantemente".

O ensaio fotográfico de alta qualidade, realizado por Roberto Cecato, traduz pelo encadeamento das fotos, que revelam os momentos pontuais de cada trabalho, a idéia de um espaço contínuo análogo ao que a obra instala.

"Mas, - pergunta Caldas em um dos instantes mais interessantes da entrevista - se aparecer aí uma ilusão de continuidade, onde seria possível interrompê-la, preservando a identidade de cada uma delas?".

Talvez não seja necessária a operação de sustar este fluxo invisível para pontuar tais identidades. Os trabalhos de "A Série Veneza" carregam na ^(poética da) própria linguagem o fator que os diferencia e relaciona.

É fácil perceber a potência deste campo de relações no trabalho que fala da passagem Rodin-Brancusi onde é nítida "a idéia de rompimento que preserva o fluxo", segundo o autor. A estrutura tubular de inox cria fortes linhas curvas que sustentam os demais elementos constituintes da obra. Os dois conjuntos se situam paralelamente, criando um espaço entre eles. Se pudéssemos estender um plano virtual, a partir da linha curva de movimento ascendente que estrutura o "Rodin", perceberíamos que este plano atravessaria a cabeça de "Brancusi". Por outro lado, o plano virtual, criado a partir da linha que sustenta "Brancusi", está direcionado para o chão numa referência, quem sabe, à brilhante discussão do artista sobre a relação escultura-base. A presença própria dos dois grandes escultores evidencia-se pela ação ^{plástica} poética de Caldas. Ação que se estende atravessando o terceiro trabalho da série: "A Distancia Entre..", onde a matéria essencial é a história da arte, que impregna todas as partes combinadas num movimento multidirecional onde cada nome - Matisse, Mondrian, Cézanne... - faz transbordar o conteúdo poético deste turbilhão de verdades plásticas que a singeleza da natureza morta dispõe. E o faz, com a mesma austeridade com que as dispunha Morandi nos oferecendo a evidência quase corpórea do espaço entre as coisas, eventualmente mais luminoso que as próprias coisas. Caldas constrói no espaço o que Morandi ^{busca criar} criou nas telas. Amplia, na "Série Veneza", sua potência plástica, expressando intensas verdades com elementos exíguos. *para / objeto*

Este exercício ganha complexidade e significado no quarto trabalho desta série: "O Transparente", onde os pontos de cor vermelha se agregam à superfície da lâmina de vidro, que atravessa a obra. Demarcam a área refletora, que passa a incorporar ^{ao objeto} a obra mais um copo, jarro e mesa impalpáveis, porém visíveis. Estes vermelhos sobre o vidro indicam a possível entrada para uma outra dimensão onde uma nova relação tempo-espaço poderia atuar.

Aceitar esta hipótese talvez seja a maneira mais suave de entender que "o objeto transcende o produtor, isto é, trata do que você não sabia que sabia", *percepção aguda do artista*.

Percebe-se que o pensamento plástico da obra de Caldas se expressa com tamanha agudeza e coerência que qualquer matéria usada se dobra sob a ação da sua poética. A matéria torna-se estrutural como a cor na obra de Tarsila. Cor formante. Todo elemento da obra de Waltercio instala a verdade de um pensamento essencial. Nada é supérfluo. Toda forma, cor, atitude são produtivas. Não há excessos. Daí a presença exígua da matéria em cada escultura. O ar assume uma importância de matéria dada, quase corpórea. Constituinte do corpo da obra, o ar poderia ser nomeado na ficha técnica ou na legenda de certos trabalhos: aço inox, lã, vidro, ar.

Circula por toda a obra uma potência que a cada instante promete se atualizar mas que ainda se mantém latente, como um campo aberto de invenção e liberdade, que logo se expressará em novo trabalho. Este estado de vir-a-ser, ponto máximo da obra de Caldas, marca a presença sensível de uma poética da liberdade. É como se desta ativação espacial resultasse uma substância incorpórea a espera de ser transmutada em linguagem plástica.

Instituto de Arte Contemporânea